

Piteco e as estratégias de leitura: um diálogo entre o estudo da língua e a filosofia

Piteco and reading strategies: a dialogue between language study and philosophy

Roberto Pinheiro Araújo*
Márcia Cristina Greco Ohuschi**

RESUMO: Platão, filósofo grego que viveu nos séc. V-IV a.C., foi um dos pensadores a expor o entendimento da realidade em termos duais. Muito é debatido sobre suas ideias em filmes, livros e quadrinhos. No ensino de filosofia grega e, mais especificamente, dos conceitos platônicos, na escola, sempre figura o mito da caverna, segmento do livro mais importante do filósofo ateniense, *A República*. Devido à sua importância para a humanidade, adotamos, para o trabalho didático, o capítulo VII do livro de Platão, no qual figura a alegoria da caverna, revisitada por Maurício de Souza em uma história em quadrinhos do personagem Piteco. O foco deste trabalho, contudo, não é a filosofia, mas as estratégias de leitura que construímos ao longo do processo de interação com o texto. Portanto, nosso objetivo é ampliar, a partir da narrativa de Piteco, o conhecimento acerca das estratégias de compreensão leitora: seleção, antecipação, verificação e inferência. Para tanto, adotamos como método a leitura segmentada com o intuito de demonstrar como operam as estratégias durante o processamento textual. Ao final, apresentamos sugestões para o trabalho com a história em quadrinho na sala de aula, com atividades que apontam o antes, o durante e o depois da leitura. A pesquisa está embasada na concepção dialógica da linguagem expressa por Bakhtin/Volochinov (1992) e nos estudos realizados por Solé (1998) e Menegassi (2005) a respeito das habilidades fundamentais que possibilitam a formação e desenvolvimento de um leitor crítico e competente.

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Estratégias de Leitura. Filosofia.

ABSTRACT: Plato, the Greek philosopher who lived in the centuries V-IV BC, was one of the thinkers to expose the understanding of reality in dual terms. Much is discussed about his ideas in films, books and comics. The teaching of Greek philosophy and, more specifically, the Platonic concepts, at school, always centers on the Allegory of the Cave, the most important segment in the Athenian philosopher's *The Republic*. Due to its importance to humanity, we developed a didactic work drawing on Chapter VII of Plato's book, which contains the Allegory of the Cave, as revisited by Maurício de Souza in his comic book character Piteco. The focus of our work, however, is not on philosophy, but rather on the reading strategies we develop along the process of interaction with the text. Therefore, our goal is to expand, building on Piteco's narrative, the knowledge of reading comprehension strategies: selection, anticipation, verification and inference. We adopted the method segmented reading to show how the strategies operate during text processing. We also present suggestions to work with comic books in the classroom by introducing activities showing the before, during and after reading. This research is grounded on Bakhtin/Volochinov's (1992) dialogical conception of language and on studies carried out by Solé (1998) and Menegassi (2005) about the fundamental skills of a critical and competent reader.

KEYWORDS: Interaction. Reading strategies. Philosophy.

* PROFLETRAS da Universidade Federal do Pará (UFPA).

** PROFLETRAS da Universidade Federal do Pará (UFPA).

1 Introdução

Estudar filosofia, às vezes, é um pouco complicado, sobretudo na educação básica. Isso acontece talvez por se tratar de uma disciplina de caráter abstrato que recorre a autores e ideias aparentemente distantes do nosso cotidiano. Entretanto, a compreensão da sociedade atual está ligada à forma de pensar dos filósofos antigos. Um exemplo prático é o entendimento dual da realidade, repleto de dicotomias, certo/errado, bem/mal, língua/fala, princípios/parâmetros etc.; isto significa que entendemos o mundo pelo contraste. Mas de onde adveio este tipo de pensamento e compreensão da realidade? A resposta pode estar em um dos filósofos mais famosos e lidos de toda a história humana, Platão.

Platão foi um nobre e influente pensador na Atenas dos séc. V-IV a.C. Inclinou-se para a filosofia ao conhecer Sócrates. Tentou, por duas vezes, intervir na política de estado ateniense; contudo, com a morte de Sócrates, acabou por se afastar totalmente dela. Fundou uma escola, nas imediações de Cefiso, em homenagem ao herói Academu, e foi um escritor prolífico, tendo sua obra chegado até nós quase que integralmente. Seus escritos¹ são dotados de notável beleza poética e sua forma de colocar as ideias, por meio de diálogos/dialética, impactou profundamente nossa forma de compreender a realidade.

Entre os livros, *A República* (PLATÃO, 1997), escrita em 380 a. C., talvez seja o mais representativo, no qual se descreve uma sociedade ideal, utópica, governada por filósofos. No capítulo VII deste livro, narra-se a conhecida alegoria da caverna, na qual homens aprisionados há gerações olham para a parede tomada por sombras, que entendiam eles ser o real, a verdade. O debate deu continuidade às ideias de Parmênides sobre o ser e o não-ser e trouxe para o mundo uma série de reflexões interessantes em discussão até hoje sobre o que é o real e sobre como vivemos aprisionados em um mundo de sombras, negando o essencial.

Consideramos fundamental o estudo da alegoria devido ao impacto por ela gerado nos moldes de nosso pensamento e pela importância que devemos dar à prática de leitura de diversos tipos de textos em sala de aula. Como os textos de Platão não tratam apenas de ideias, mas são dotados de singular beleza literária, sua discussão deve ser levada em

¹ Neste trabalho, apontamos as obras escritas, porém, como evidencia Perine (2011), a partir dos paradigmas hermenêuticos propostos pela Escola de Tübingen-Milão, há a necessidade de se recorrer à tradição oral dos ensinamentos platônicos, a fim de compreender de maneira mais efetiva e significativa sua doutrina. Dessa forma, segundo essa corrente filosófica, a totalidade do pensamento platônico deve ser buscada “na tradição indireta, que nos transmite as doutrinas não escritas”. (PERINE, 2011, pg. 154). Ainda enfatiza o autor que “os escritos platônicos não são autárquicos, isto é, não podem ser compreendidos só a partir deles mesmos, nem na sua totalidade nem em parte; deles não se desprende uma unidade, uma vez que esta se encontra subjacente a eles, na medida em que foi confiada à oralidade dialética” (PERINE, 2011, p. 154).

consideração no universo escolar, sendo variados os aspectos que poderiam ser trabalhados, tanto do ponto de vista filosófico quanto linguístico.

Entretanto, não devemos/podemos ficar reféns de uma visão unilateral, sem considerar a pluralidade de formas ao se abordar uma ideia de peso. Foi pensando nisso que resolvemos adotar em nosso trabalho não o mito clássico, mas outra percepção da alegoria, que já foi adaptada para filmes, animações e quadrinhos.

Assim, este artigo, fruto da disciplina *Aspectos sociocognitivos e metacognitivos da leitura e da escrita*, oferecida no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, na Universidade Federal do Pará – UFPA, não tem como foco a filosofia, mas uma reflexão sobre como se constroem as estratégias de leitura, segundo os estudos de Solé (1998) e Menegassi (2005), a partir da história “*Sombras da vida*”, história em quadrinhos (HQ) do personagem Piteco, criada por Maurício de Souza, desenhista conhecido no Brasil pela série *A turma da Mônica*. O texto é uma curiosa e divertida adaptação da alegoria platônica.

Além da reflexão sobre as estratégias, procuramos estabelecer uma conexão entre os estudos linguísticos e a filosofia, por considerarmos que o trabalho interdisciplinar ainda é um desafio no contexto escolar, sendo a sua prática incipiente e situada em tímidas e escassas ações. A hipersegmentação e a ultraespecialização do saber apresentou-se ao longo do tempo como um problema, logo, é importante estabelecer pontos de contato entre as disciplinas agora fragmentadas para que um dia, quem sabe, possamos sonhar com uma prática verdadeiramente interdisciplinar pautada em relações.

Após o debate sobre as estratégias no quadrinho, apresentamos algumas sugestões para o desenvolvimento dessas habilidades em alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, as quais podem também ser adaptadas para outras séries, inclusive para o Ensino Médio. Para isso, utilizamos os estudos de Solé (1998) a respeito de atividades que devem ser realizadas em momentos prévios, durante e após a leitura. Tais sugestões figuram como material complementar que pode ser usado pelo professor durante o estudo da HQ de Piteco na sala de aula.

Com relação à estrutura do artigo, abordamos, na seção II, o papel das estratégias de leitura, reflexão sobre o sujeito/aluno e a perspectiva de leitura como um encontro e interação com uma diversidade de textos. Já na seção III, temos um breve resumo e contextualização do mito da caverna. No segmento IV, procuramos clarificar o papel das estratégias de seleção, antecipação, verificação e inferência a partir da leitura de uma HQ do personagem Piteco, da

turma da Mônica. Por fim, apresentamos algumas propostas que poderão ser conduzidas em diversos momentos em sala de aula pelo educador.

2 Pressupostos teóricos

Como um educador pode formar um leitor autônomo, competente e crítico, alguém que, a partir das estratégias que constrói para a leitura de um texto, vai além dele, em um diálogo incessante, em uma reflexão permanente e profunda? Como todo bom problema, a questão nos apresenta uma situação complexa e de várias respostas possíveis, mas talvez seja possível descobrir algumas pistas para a solução do mistério.

A primeira pista se configura a partir da perspectiva que adotamos em relação à língua que ensinamos, afinal, não existe prática sem teoria (ANTUNES, 2014, p. 16). Nesse sentido, a concepção dialógica da linguagem exposta por Bakhtin/Volochinov (1992) figura como um fator importante para a dissolução dos entraves que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da língua. Isso pelo fato de que tal percepção valoriza o embate, os conflitos ininterruptos e a tensão constante em momentos de interação discursiva.

O diálogo, tomado em seu sentido amplo, é, segundo Faraco (2009, p. 69), “um vasto espaço de luta entre as vozes sociais (uma espécie de guerra dos discursos), no qual atuam forças centrípetas e forças centrífugas”. Nesse sentido, o leitor crítico/ativo, ao tomar contato com variados discursos, situados nas diversas esferas em que está inserido, deve adotar uma postura, um posicionamento em relação a esses enunciados, precisa confrontar, acolher a palavra do outro, replicar, mas nunca permanecer neutro. Só assim se colocará na posição de um sujeito social capaz de um diálogo contínuo com o mundo.

O professor, na condição de mediador, tem o papel de conduzir o aluno a esse estágio de maturidade em relação à leitura, mas, para isso, é importante que reflita sobre o papel do aluno, o sujeito, na construção da leitura. Sabemos que a leitura de uma pessoa é algo idiossincrático, particular. Cada indivíduo procura ler um texto de um jeito único, a partir do conhecimento que construiu ao longo do tempo, sua forma de ver o mundo, a ideologia que perpassa em seus conceitos etc.

Ensinar leitura sem considerar o sujeito inviabiliza a construção do processo e reitera uma concepção mecânica baseada apenas no autor, cabendo ao leitor somente captar as informações de modo passivo, sem uma real interação com o texto e sem a promoção da relação autor-texto-leitor (MENEGASSI, 2010). O discente, nessa condição, não constrói

sentido no que lê, não dialoga, debate ou refuta as ideias contidas no texto, apenas trata de absorvê-las de modo contemplativo, não sendo permitido qualquer tipo de leitura réplica. Sobre este modelo de leitura, Menegassi (2010, p.168) postula:

Nessa concepção, o texto é visto como um produto lógico do pensamento, como uma representação mental do autor que vai para o papel, nada mais cabendo ao leitor senão “captar” essa representação mental materializada, juntamente com as intenções (psicológicas) do produtor. Desta forma, o leitor exerce um papel passivo de ser um “receptor” das informações que o texto apresenta.

Cabe ao educador, nesse caso, a mudança de postura e a promoção em sala de aula de uma concepção de leitura com o foco na interação autor-texto-leitor, isto é, com o objetivo não apenas de formar, mas desenvolver leitores, torná-los ativos, sujeitos que, ao longo do processo, irão acionar seus conhecimentos prévios, emitir juízos, rebater e contestar, isto é, posicionar-se em relação ao que leem. Estabelecida essa percepção de ensino, o professor trabalha para refinar as habilidades de leitura do seu aluno, procurando direcioná-lo para uma compreensão ativa a fim de que, ao final, ele (o discente) possa dispor de uma leitura réplica e interpretativa. Sobre isso, Menegassi (2010, p. 43) afirma:

O conceito de réplica envolve o leitor combater as informações do texto lido com argumentos, contestando, refutando e explicando o que lê, isto é, o leitor posiciona-se como sujeito ativo e crítico diante do material trabalhado, permitindo a produção de sentidos próprios, que se manifestam através de palavras próprias.

Temos de considerar também, como possível solução ao caso, a questão do conceito que o professor constrói em relação à leitura. Isto significa que o educador necessita compreendê-la como um processo gradual, construído ao longo do tempo, em etapas, a partir da (re)formulação de estratégias que devem ajudar o indivíduo a dilapidar suas habilidades em relação à leitura. Mas, para que o processo seja significativo e efetivo, é fundamental que o docente apresente, em sua orientação metodológica, o estudo dos gêneros discursivos que se apresentam no dia a dia.

Textos multimodais, de diversas tonalidades e diagramações, devem ser analisados em suas especificidades e compreendidos não apenas em sua construção composicional, mas também em seu conteúdo temático e em seu estilo, levando em conta o contexto de produção, conforme perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2003). No estilo, precisam ser analisadas as marcas linguístico-enunciativas dos enunciados, por meio da prática análise linguística, muitas vezes tão (mal) questionada por educadores e leigos.

A partir do contato com gêneros variados, o leitor ativo aprende a respeitar as especificidades do texto, amplia seu conhecimento de mundo, seu repertório, constrói antecipações, predições, verifica as informações espalhadas no evento comunicativo, confirma as hipóteses, cria/estabelece inferências e é capaz replicá-lo. É a partir do encontro com a diversidade de gêneros que o leitor desenvolve suas habilidades de leitura e constrói estratégias que o permitem um diálogo mais efetivo com o texto. Desse modo, mais do que formar o leitor, cabe ao professor conduzir o aluno pelo intrincado labirinto textual, guiá-lo, para que, aos poucos, o discente se sinta seguro e capaz de manipular sozinho uma ampla variedade de gêneros. A esse respeito, Menegassi (2005, p.41) explica:

O desenvolvimento do leitor crítico passa pelo trabalho com uma série de estratégias e habilidades de leitura, à diversidade de gêneros textuais que circulam na sociedade. Assim, para que esse leitor se constitua como crítico é preciso que desenvolva características próprias, que, na escola, são orientadas pelo material didático e pelo professor.

Portanto, o estudo de diferentes gêneros é fundamental, pois cada um deles preserva determinado posicionamento diante da vida. Compreender esse posicionamento conduz o indivíduo a uma interação mais completa com a sociedade, sua forma de pensar etc. Em cada gênero, há palavras que comportam um grau de ideologia, e o leitor deve ser capaz de observá-las, compreender seu sentido e sua intenção, interpretá-las para, por fim, ser capaz de emitir um juízo adequado em relação a elas. Como não há neutralidade no discurso, o leitor precisa estar apto a perceber isso com seriedade, sob pena de ser mais um prisioneiro da caverna, a confundir as sombras com a realidade, como discutido na alegoria platônica.

Por fim, como última sugestão para a solução do grande mistério, temos procedimentos importantes a serem adotados a respeito do ensino de leitura nas escolas. Selecionar informações em nosso conhecimento prévio, predizer situações por meio da verificação de hipóteses, realizar, a partir do contato entre o que se conhece e as informações novas dispostas, inferências, sentidos novos para o texto são habilidades que, bem direcionadas pelo educador, podem resultar em um ensino eficiente quanto ao processo de leitura.

As estratégias partem da leitura de superfície para uma leitura profunda, o leitor decodifica, mas não apenas isso, ele tece relações, pontos de contato, a partir daí sintetiza o que lê e, por fim, gera uma interpretação particular, isto é, o seu próprio texto sobre o texto que leu. Com base nesses argumentos, entendemos que o ensino de estratégias de leitura é de

fundamental importância para a formação do leitor crítico e competente durante a educação básica.

Menegassi (2005) aponta quatro estratégias fundamentais para uma leitura interativa, expostas também nos PCN: *seleção, antecipação, inferência e verificação*. Tais estratégias, segundo o autor, “são procedimentos conscientes ou inconscientes utilizados pelo leitor para decodificar, compreender e interpretar o texto e resolver os problemas que encontra durante a leitura” (MENEGASSI, 2005, p. 77).

Durante a seleção, por exemplo, escolhemos, dentre as diversas informações de que dispomos, aquela que é mais importante para o contexto comunicativo. Isto permite que se faça uma leitura na qual haja uma interação entre as informações de que dispõe o leitor e as ideias apresentadas no texto. Segundo Menegassi (2005, p. 79), “são ações que possibilitam o leitor ater-se somente ao que lhe é útil para a compreensão do texto, desprezando itens considerados irrelevantes”.

Já a antecipação se constrói com base nas predições e hipóteses que o leitor faz durante a leitura. A respeito dessa estratégia, Menegassi (2005, p. 80) afirma que “o leitor, durante a leitura do texto, cria hipóteses e previsões sobre os significados a partir das informações explícitas e implícitas constantes no texto”. Desse modo, o leitor faz inferências, analisa, extrai um dado novo, com base nas informações espalhadas e nas pistas dispostas nos textos.

A inferência, aponta Menegassi (2005, p. 81), “são ações que unem o conhecimento que não está explícito no texto, porém possível de ser captado, com o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto”. Com isso, o leitor vai criando uma cadeia de informações que se relacionam e permitem a construção de um novo dado, uma nova informação, que será ou não confirmada ao longo da leitura por meio da estratégia de verificação.

No processamento do texto, as antecipações e inferências construídas pelo leitor devem ser comprovadas para a manutenção de um plano seguro de leitura, ou seja, pela estratégia responsável por analisar as predições e inferências, a verificação. É justamente essa estratégia que “mais controla a eficácia das estratégias escolhidas pelo leitor” (MENEGASSI 2005, p. 82), pois é pela confirmação ou não das hipóteses levantadas durante a leitura que conduzirá o sujeito/leitor para a decisão de manter ou não das estratégias que estabeleceu para a construção dos sentidos do texto.

Na seção IV do artigo, a partir da história de Piteco, reiteramos a importância dessas estratégias e mostramos como se estabelecem durante o processo de leitura. Além dessas estratégias, Solé (1998) apresenta outras três, relacionadas à compreensão do texto: atividades antes da leitura (prévias), momentos em que o educador deve motivar o leitor para a atividade, mostrar que a leitura pode ser mais do que o ensino de técnicas ou habilidades, mas um momento prazeroso e significativo; atividades durante a leitura, neste segundo ponto, o professor deve ir, aos poucos, deixando com que o aluno assuma o controle de sua leitura, que possa formular hipóteses, construir interpretações, entretanto, para isso, deve seguir um roteiro de leitura compartilhada, em que ambos possam, juntos, dialogar com o texto; Por último, nas atividades após a leitura, é importante o ensino da ideia fundamental, além da prática do resumo e a formulação de perguntas sobre os textos lidos não pelo professor, mas pelos alunos.

Em síntese, a concepção dialógica da linguagem, a tomada de posicionamento do leitor em relação ao mundo; a compreensão do indivíduo como sujeito sócio-histórico, de conhecimento articulado e edificado ao longo do tempo; o trabalho estabelecido em um material didático consistente, que promova a interação do sujeito com uma diversidade de textos; e atividades que possibilitam a construção das habilidades/estratégias necessárias para a formação e desenvolvimento do leitor apontam para o quadrado mágico que possui, em seu centro, a solução do mistério, o objetivo máximo com que todos sonhamos entusiasmados: um leitor em contínuo desenvolvimento, que possa, a partir da interação com os leituras de diversas magnitudes, posicionar-se, (des)construí-las, em uma atitude constante perante a vida, alguém que não sabe o que é ficar em cima do muro ou dentro da caverna, em suma, um sujeito dialético.

Sobre a alegoria platônica, na próxima seção, esboçamos um breve resumo, na tentativa de contextualizar o leitor para a parte IV, na qual trabalhamos mais detidamente as estratégias de leitura.

3 O Mito da Caverna: um breve contexto

No mito, vários homens encontram-se acorrentados numa caverna, virados de costas para a abertura, por onde entra a luz solar. Eles vivem há gerações nesta posição. Conhecem os animais e as plantas e outras formas somente pelas sombras projetadas nas paredes. Um dia, um dos homens conquista a liberdade e segue para fora da caverna. Fica estupefato com a

realidade e percebe que foi ludibriado pelos sentidos e o mundo das opiniões dentro da caverna.

Figura 1 – Mito da caverna



Fonte: <<http://www.cadern.com.br/blog/6/mito-da-caverna-de-platao>>.

Agora ele estava diante das ideias em toda sua plenitude e não em suas sombras. Retorna para a caverna e conta a todos a boa nova, eles não acreditam e preferem continuar na caverna, adotando as sombras e as opiniões como verdade. O texto pertence ao livro mais famoso de Platão (1997), *A República*, e figura no capítulo VII da obra. Há interpretações que indicam que o filósofo desacreditado pelos prisioneiros seria Sócrates, condenado a beber a cicuta por corromper os jovens atenienses. A alegoria impactou de forma tão profunda nossa compreensão que dela fazemos uso em filmes, quadrinhos etc., sempre ocasionando o eterno debate entre o binômio real/superficial e levando-nos a indagar: O que é a realidade, afinal?

Para o trabalho em sala de aula com o mito da caverna, escolhemos não apenas o texto de Maurício de Souza, também acrescentamos os de Marilena Chauí e a versão clássica do filósofo Platão, além de fazer a sugestão para o professor de filmes nas atividades prévias à leitura. Os dois textos de apoio também serão apresentados para os alunos em momentos prévios à leitura do texto em quadrinhos. Neste artigo, eles foram dispostos nos anexos. Objetivamos, com esses textos, facilitar a construção das estratégias e ampliar conhecimento de mundo tanto da alegoria platônica como das ideias/estilo do pensador grego em um estudo comparativo entre as adaptações e o texto original.

Ademais, os textos foram escolhidos pelo fato de apresentarem diferentes visões de uma mesma história, já que o leitor precisa confrontar o que já sabe com modelos diferentes, e assim ir mais a fundo no texto. Sobre isso, Solé (1998, p. 103) afirma:

Se você não possuísse o conhecimento pertinente, não poderia entendê-lo, interpretá-lo, criticá-lo, utilizá-lo, recomendá-lo, rejeitá-lo, etc. Mas se já conhece tudo o que estou contando, ou se aborrece mortalmente ou tem um grande espírito de sacrifício, porque a graça não reside em saber o que o texto diz, mas em saber o necessário para saber mais a partir do texto.

4 Leitura com as estratégias descritas em uma história de Piteco, de Maurício de Souza

A fim de ilustrar a utilização das estratégias descritas acima, apresentamos uma história em quadrinhos retirada do *site* <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>. Procuramos apresentar a história segmentada com o intuito de especificar as estratégias *de seleção, verificação, antecipação e inferência*, utilizadas, pelo leitor, no processo de construção/feitura da história. No entanto, tal procedimento é apenas um instrumento metodológico e não deve ser utilizado de forma recorrente como um mecanismo de construção de sentidos, como também explica Menegassi (2005).

É importante enfatizar que, para a leitura e construção/desenvolvimento das estratégias, por parte do leitor, adotamos, como posto, atividades prévias com os textos de Marilena Chauí e a versão clássica de Platão. Partimos do ponto inverso, deixando o texto mais atual para o final. Justificamos nossa posição por acreditar que, nesse caso específico, seria mais fácil o embate/interação e a construção dos sentidos ao partir do mais complexo para o mais acessível, levando o aluno a refletir sobre as escolhas feitas por Maurício de Souza na elaboração da versão mais atual, o modo como se apropriou das ideias a ponto de subvertê-la e criar um novo texto, sua própria interpretação/leitura réplica do modelo apresentado por Platão.

Ao final, oferecemos sugestões didáticas para o trabalho com as estratégias de compreensão leitora de acordo com Solé (1998), divididas em momentos antes, durante e após a leitura.

Figura 2 – Título do texto



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Inicialmente, temos de pensar no título e nos personagens da história. Convém adotarmos alguns questionamentos prévios antes de seguirmos com a leitura. Para tanto, elaboramos as questões a seguir:

- Quem é o personagem principal do texto?

R: Piteco.

- Quem é Piteco?

R: É um homem das cavernas, personagem de Maurício de Souza.

- Que tipo de Histórias temos com o Piteco?

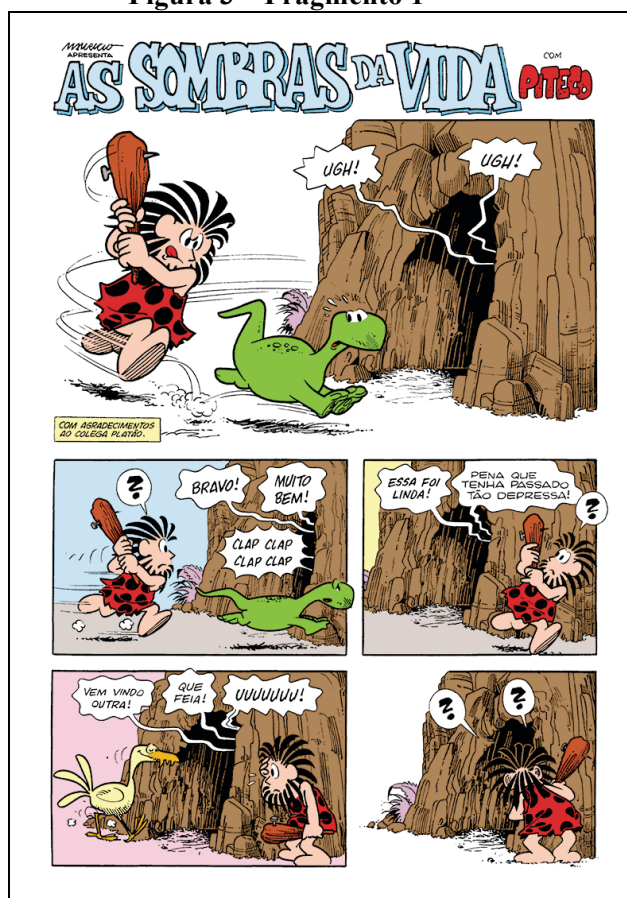
R: Histórias do mundo antigo, no qual os homens habitavam cavernas e existiam dinossauros.

- Que histórias esperamos que seja apresentada?

R: Uma história que faça alusão à alegoria de Platão.

A partir dessas questões, inicia-se o processo de leitura. Primeiramente, acionam-se os conhecimentos prévios do aluno-leitor e inicia-se a estratégia de seleção, já que, conforme Menegassi (2005), é nesse momento que o leitor se atém ao que lhe é útil, desprezando itens considerados irrelevantes, ele faz escolhas, seleciona o pertinente, em função do texto apresentado e os objetivos da leitura. O aluno selecionará os conhecimentos que possui sobre histórias em quadrinhos, dentre elas, as de Maurício de Souza e, mais especificamente, as histórias de Piteco.

Figura 3 – Fragmento 1



Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>

Na sequência, ocorre a estratégia de antecipação, o leitor ativo aciona seu conhecimento enciclopédico acerca das histórias que já conhece (Versão de Platão e Marilena Chauí) - pois já as teremos lido nas atividades prévias à leitura - para construir de forma mais eficaz o sentido para o texto. Nesse caso, o leitor, a partir do que sabe a respeito do personagem Piteco, formula a hipótese de que se trata de um texto do mundo antigo, em que os homens habitavam as cavernas. A respeito da antecipação, aponta Menegassi (2005, p. 77) que “são predições que o leitor constrói sobre o texto que está lendo, possibilitando-lhe uma antecipação do conteúdo”.

Ao ler a primeira sequência da história, inicia-se a estratégia de verificação para confirmação ou não das antecipações construídas (MENEGASSI, 2005). Nesse caso, o leitor confirma as informações, pois, no primeiro quadro, temos Piteco portando um tacape a perseguir um dinossauro para alimentar-se (o movimento é expresso a partir das linhas cinéticas), além de vestir-se de acordo com o estereótipo construído para um homem dito primitivo. Outro fato que confirma as hipóteses levantadas pelo leitor é a estranha criatura do mundo antigo que aparece no canto inferior esquerdo da primeira página.

Outros aspectos são fundamentais na primeira página e auxiliam no processo de construção dos sentidos do texto. Aqui, é importante checar e verificar as informações, para que o leitor se sinta seguro com relação ao seu plano de leitura. A caverna, a voz do narrador e as expressões onomatopeicas são fatores fundamentais que devem ser analisados com acurado critério à luz das estratégias. A verificação é, segundo Menegassi (2005, p. 82), a estratégia que mais regula a eficácia das estratégias construídas pelo leitor, pois “a cada confirmação das predições levantadas e das inferências realizadas, mais seguro o leitor se sente, possibilitando-lhe uma melhor construção do sentido para o texto trabalhado”.

No mito original, a caverna é subterrânea, diferente da que é apresentada na HQ, isso pode gerar, no leitor, uma desconfiança, pois, a partir da verificação, não há a confirmação das informações e uma reorientação na leitura é necessária. Menegassi (2005, p.82) ratifica que “caso a verificação mostre que suas hipóteses de significado estão inadequadas, cabe ao leitor alterar as estratégias, possibilitando uma escolha mais adequada ao texto trabalhado”.

Entretanto, no mesmo quadro, a voz do narrador, presente no canto inferior esquerdo da página, aponta para o filósofo grego: “Com agradecimentos ao colega Platão”. A partir disso, como afirma Menegassi (2005), o leitor se sente seguro, confirma as predições e segue confiante na leitura que realiza.

O segundo aspecto que direciona o leitor para a alegoria platônica são as expressões onomatopeicas, pois toda vez que alguém ou algo passa em frente à caverna, há comentários, aplausos, alarde e vaias. Nesse ponto, o leitor aciona seu conhecimento e seleciona informações sobre o mito clássico, recorda que nele há uma fogueira situada em uma colina que transmite luz para a caverna. Entre ela e os prisioneiros existe um longo caminho e, no meio do caminho, há um muro-palco, como nos espetáculos de fantoches. Fora da caverna, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas. São exatamente as sombras das estatuetas que os prisioneiros veem.

A partir das pistas espalhadas na primeira página, o leitor seleciona o que é importante e prediz que a caverna da HQ faz alusão à caverna platônica, e que, na verdade, as vaias e explosões são as sombras vistas pelos prisioneiros da caverna. Na sequência, o leitor comprovará ou não as suas predições.

Figura 4 – Fragmento 2



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Nesse momento da história, o leitor comprova ainda mais a referência feita ao texto de Platão, quando observa três homens de expressão enfurecida a comentar as representações/sombras do mundo que eles entendem como a realidade. Curioso notar não apenas a expressão, mas a barba por fazer, o que pode levar o leitor a criar uma inferência a respeito do tempo dos prisioneiros naquela condição. As inferências são, segundo Menegassi (2005, p. 81), “ações que unem o conhecimento que não está explícito no texto, porém possível de ser captado, com o conhecimento que o leitor tem sobre o assunto”, isto é, o leitor ativa todas as informações que possui, faz com que elas interajam com as pistas disponíveis no texto e formula um novo dado, uma nova informação.

Entretanto, o modo como os homens estão representados difere do texto original, o leitor não confirma, então, a partir da estratégia de verificação, as informações, isto pode gerar uma quebra na expectativa e insegurança, o que provocará uma nova seleção de

informações, uma reorientação da leitura, já que, na versão platônica, os prisioneiros da caverna estão agrilhoados nas pernas e no pescoço, sem a possibilidade de olhar para trás, e a luz que entra é proveniente de uma imensa e alta fogueira já citada anteriormente.

O leitor sente também a presença de Piteco, protagonista da história, que observa a cena, surpreso e curioso. Isso também difere da versão platônica, pois, na versão original, não há alguém que esteja fora da caverna e tenha contato com os prisioneiros. O que acontece na versão de *A República* é que, em um algum momento, um dos presos consegue sua liberdade. O leitor, ao observar essas novas informações, fica inseguro sobre a sua leitura, pois começa a entender que há um contraste nas informações. Esse é o momento, talvez, de trocar de estratégia, e adotar um novo caminho. Ao selecionar novas hipóteses e informações, o leitor pode antecipar o papel de Piteco na história: seria ele o prisioneiro que se libertou e retornará para salvar os demais?

Neste momento, também é importante que o leitor compreenda o papel de Piteco como o de um filósofo, um sujeito questionador que não acata as ideias sem refletir. O ponto de interrogação, no lugar de palavras, é um símbolo de questionamento em relação à curiosa cena. A partir dos significados até então construídos, o leitor antecipa a intervenção do filósofo/Piteco naquela situação.

Figura 5 – Fragmento 3



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Aqui, o leitor verifica as hipóteses que construiu até agora e confirma o roteiro já estabelecido da história, no qual Piteco começa a questionar o que aqueles homens estão fazendo sentados em uma caverna olhando para as sombras. É importante para o leitor ativo notar/perceber que eles respondem à pergunta sem, em momento algum, olhar para quem lhe dirige a palavra. A partir daí, constroem a inferência de que os homens estão obcecados pela própria ilusão, o mundo das opiniões, do conhecimento superficial.

Eles respondem ao questionamento aborrecidos, pois se sentem incomodados com aquela pessoa que procura fazê-los refletir. O aluno deve retomar as informações dos textos anteriores e as reflexões prévias e selecionar os conceitos necessários para esse diálogo maior com o texto. Na última frase deste quadro, na leitura da esquerda para a direita, temos “Estamos contemplando a vida”, em que o verbo indica algo que tem se construído ao longo de algum tempo, em permanente processo de elaboração. Por se sentirem incomodados com aquela presença hostil, o leitor pode antecipar o fato de eles se voltarem contra o filósofo, mas já entendem que sua leitura é coerente e que vai se confirmando a partir da sequência do texto. Vejamos a Figura 6.

Figura 6 – Fragmento 4



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Na sequência, vamos reiterando a história clássica, sem quebras de expectativas, isso faz com que o leitor fique cada vez mais seguro e confiante em seu plano de leitura. Piteco (o Filósofo) indaga qual a vida apresentada na parede, pois o que ele enxerga é somente a sombra. Um dos prisioneiros pede silêncio e diz que o intruso atrapalha. Temos, nesse caso, outro verbo indicando um processo. Na sequência, temos frases exclamativas indicadas não somente pela pontuação, mas pelo formato das letras e balão. Neste momento da história, o leitor já percebe o encaminhamento para o fim e começa a antecipar ou predizer a perseguição do filósofo.

Nos quadros da Figura 7, Piteco (o filósofo) insiste para que os prisioneiros da caverna deixem de contemplar as sombras para vislumbrar a verdade ou realidade. No primeiro quadro, temos Piteco apontando para a saída da caverna, indicando onde estaria a verdade, as linhas cinéticas indicam o movimento com as mãos. Um dos homens não gosta da observação e olha meio de lado, contrariado, para o filósofo. É a primeira vez na história que indicam um breve olhar para a verdade, mas não com satisfação. Até aqui, o leitor confirma suas antecipações e inferências, rememorando as ideias contidas no mito original de Platão e já antecipando o que virá em breve, a perseguição, zombaria e desclassificação do filósofo.

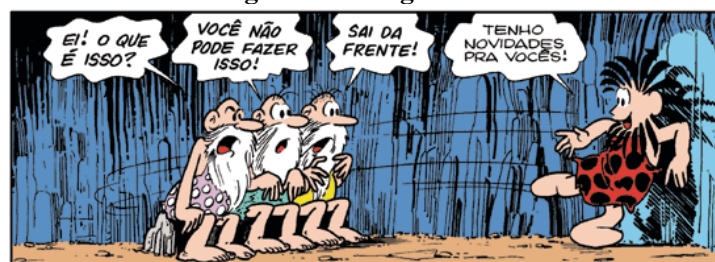
Figura 7 – Fragmento 5



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Figura 8 – Fragmento 6



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Nos quadros da Figura 8, temos a interferência do filósofo ao colocar-se diante das sombras e apontar a si mesmo como a realidade. Isso entra em contraste com a história

original, havendo uma quebra de expectativas do leitor, pois, na alegoria platônica, aquele que vislumbrou a verdade também estava agrilhoado e conseguiu se libertar. Na adaptação feita por Maurício de Souza, Piteco não está aprisionado e nem os três homens. O leitor deve questionar/refletir sobre o motivo das escolhas do autor, qual a razão dessa estratégia. A explicação pode estar na faixa etária dos leitores das revistas da turma da Mônica, que estranhariam a versão clássica apresentada no livro de Platão.

Entretanto, apesar das modificações, observa-se que a essência da história se mantém, com a perseguição dos “prisioneiros” em relação ao filósofo. Aqui é importante que o leitor ative seu conhecimento enciclopédico e traga para a discussão o significado da mensagem na alegoria, que pode ser uma clara referência à morte de Sócrates, condenado por corromper a juventude e descaracterizar os deuses, acusações graves na Atenas de então.

Para construir essa inferência, o aluno precisa acionar as informações de que dispõe quanto à história de Sócrates. Para tanto, são importantes as atividades pré-leitura, como a exibição de trechos de filmes e a exposição sobre o papel de Sócrates na sociedade ateniense, como sugerimos na seção seguinte, para o momento antes da leitura.

Figura 9 – Fragmento 7

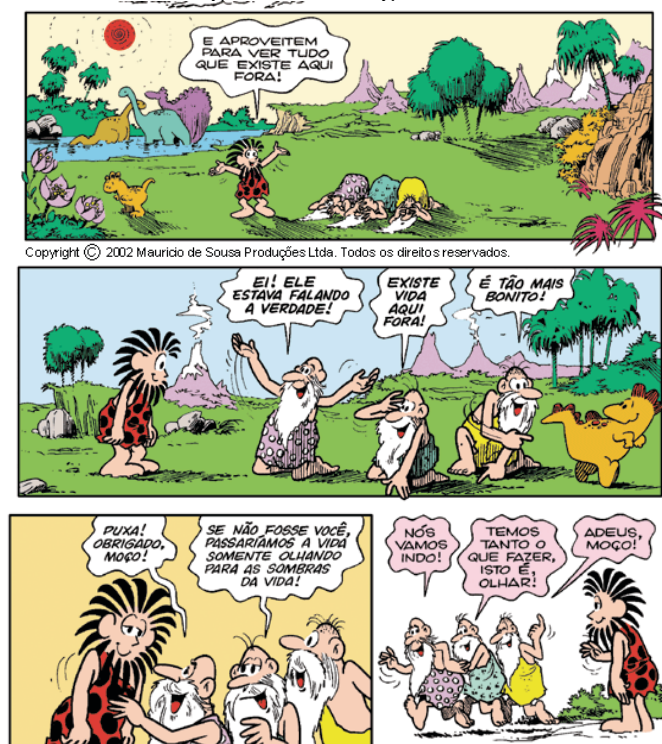


Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

A partir desse segmento, as hipóteses e inferências não se confirmam, pois há uma quebra total com a versão original, uma vez que não há, na alegoria, a saída dos prisioneiros da caverna. Entretanto, eles, ao saírem, sentem-se cegos pela luz, castigados pela verdade. No original, apenas um se liberta, sente-se fraco e cego pela luz do sol, depois abre os olhos devagar e consegue aos poucos vislumbrar a realidade. Incomodado por ter contato com o mundo real, ele volta para a caverna na tentativa de convencer os outros a saírem com ele. No quadrinho, temos uma versão interessante, com todos os prisioneiros libertando-se da caverna ao perseguirem Piteco.

Aos poucos, ele consegue convencer os homens a abrirem os olhos. Há aqui uma quebra total de sentido em relação à obra original. O leitor fica surpreso e, de modo imediato, remodela sua leitura, refaz as estratégias, mas percebe que sua leitura é coerente, pois o texto-base se mantém. O leitor deve agora reorientar as estratégias, selecionar novas informações, acionar o seu conhecimento acerca das histórias de Maurício de Souza, para poder realizar novas predições. Neste momento, pode antecipar que, por se tratar de uma história para jovens e crianças, não haverá, por fim, a morte do filósofo, ou um final triste, mas sim uma solução para o problema.

Figura 10 – Fragmento 8



Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

Na continuação, os antigos prisioneiros mudam suas feições, ao invés de rostos contrariados, percebemos um sentimento de gratidão pela liberdade conquistada. As informações não se confirmam, contrastando com aquelas da versão clássica. Neste ponto, o leitor retoma o sentimento do homem liberto na versão de Platão, pois agora todos os antigos prisioneiros sentem o que ele sentira (encantamento pelo mundo, pela verdade substancial), o leitor reavalia e reconstrói o texto, já que, a partir da verificação, não há a confirmação das ideias antes selecionadas, pois agora temos um final feliz.

Eles agradecem a Piteco e vão embora satisfeitos. Há aqui uma versão menos sombria e mais amena, com um final feliz, encorajador, no qual entendemos a verdade como uma conquista positiva, e não algo doloroso. É importante notar como o cenário está construído, o leitor reitera, a partir da verificação, as informações e confirma que se trata de uma história do mundo antigo, com dinossauros, vulcões, a vegetação. O leitor também deve orientar o seu olhar para a figura de Piteco, que se sente realizado por libertar os prisioneiros e isso fica evidente com o seu olhar, que denota até certa vaidade.

Figura 11 – Fragmento 9



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Fonte: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid>>.

A história poderia ter terminado ao serem libertados os presos. Mas não é o que acontece. A narrativa continua e agora o leitor tem uma surpresa e quebra de expectativa, verifica as inferências adotadas anteriormente e, como não há confirmação, a partir da verificação, tem de ajustar/rever as estratégias para a compreensão. O tempo transcorre, as transformações acontecem, percebemos isso na sequência de Piteco, as mudanças em suas roupas, em seu comportamento, há somente imagens e quadros sucessivos, em sequência,

apresentando uma sucessão no tempo. O leitor também deve acionar seu conhecimento acerca desse tipo de narrativa e de sua estrutura.

Ele observa um barulho ao voltar do trabalho, o leitor constrói uma inferência a partir do modo como está trajado, de maneira formal e, de maneira análoga ao passado, fica em dúvida sobre o que está acontecendo; novamente aparece o sinal de interrogação, como no princípio da história. O leitor, então, antecipa que a história poderá se repetir, infere a partir da estrutura paralela da história, que há um retorno aos acontecimentos do passado. Ao entrar na sala de uma casa, Piteco encontra os três homens sentados observando o que intitulam “O Fantástico Show da Vida”, clara referência ao programa global. Por meio dessa verificação, o leitor reitera as hipóteses e confirma suas previsões no quadro seguinte.

Nele, os homens adotam a face contrariada de outrora, mas sem a barba, e estão totalmente alienados pelo que veem a sua frente. É como se o mito da eterna recorrência, explicitado por Nietzsche, fosse trazido à baila e um verdadeiro laço temporal fosse estabelecido, em que temos a história se repetindo de modo contínuo. A crítica é clara, o tempo passa, o mundo muda, mas ainda nos encontramos cegos pelo mundo das opiniões, da superficialidade e entendemos o transitório como verdade, além de creditarmos a verdade a um veículo de informação.

Para uma leitura ativa do final do texto que, pelo desfecho inesperado causa um impacto quando não são confirmadas as inferências anteriores, é importante que o leitor tenha tido contato com as versões trabalhadas, como a versão original e a adaptação de Chauí. A partir de um debate com uma leitura não orientada, mas que promova a construção das ideias do aluno, certamente teremos a edificação de um leitor autônomo e não mais contemplativo, que não apenas reproduz ou reflete, mas que remodela o conhecimento, que o transmuta.

5 Estratégias de compreensão: antes, durante e após a leitura

Aqui apresentamos uma proposta didática, voltada ao 9º ano do Ensino Fundamental, seguindo as orientações de Solé (1998) para a construção das estratégias de leitura. As seções estão divididas em atividades antes, durante e após a leitura e expõem as atividades em formato de roteiro. Nas atividades prévias, apresentamos trechos de filmes e outros textos a serem trabalhados com os alunos, como os produzidos por Chauí e Platão. Também sugerimos a exibição de um curta de animação da série “Animatrix”, e de um trecho do filme “Matrix”, a fim de que o discente possa ampliar o seu conhecimento acerca das ideias

levantadas pelo filósofo grego. Assim, poderá realizar inferências, além de verificar e confirmar as hipóteses que construirá ao longo da leitura texto em quadrinhos.

Já nas atividades que correspondem ao momento da leitura da história de Piteco, sugerimos a leitura segmentada, com a mediação do professor, conforme proposto na seção anterior. Ao final, nas atividades após a realização da leitura, sugerimos meios de sistematizar e tornar mais consistentes as ideias construídas ao longo do processo, sem perder de vista o nosso leitor/aluno que deverá, ao final, ser capaz de estabelecer um diálogo profundo e contínuo com o texto filosófico.

5.1 Antes da leitura

1 Investigar o que os alunos sabem sobre a alegoria da caverna. Dizer a eles que lerão um texto filosófico e uma história em quadrinhos. Após uma breve e clara discussão, apontar os aspectos mais relevantes em termos da contribuição dos alunos.

2 Estrutura das HQs. Moldura, balões, traços cinéticos ou linhas de movimento, divisão dos quadros (sarjeta), voz do narrador etc.

3 Apresentar um trecho do filme “O guia pervertido da ideologia”, no qual o filósofo esloveno Slavoi Zizek comenta o filme “Eles vivem” (1988), que conta a história de Jhon Nada, sujeito desempregado, simplório e sem-teto, que um dia encontra, ao saquear uma igreja, óculos especiais que o permitem enxergar a verdadeira intenção/ideologia por detrás das coisas que nos cercam. Entender por que o seu amigo não quer colocar os óculos e por que brigam.

4 Apresentar os curtas *O Segundo Renascer - Partes I & II O Segundo Renascimento*, da série de nove contos Animatrix, que descrevem a história e a criação da Matrix: as últimas cidades da humanidade, a guerra com as máquinas e a queda final da humanidade. Os episódios são escritos pelos irmãos Wachowski e dirigidos por Mahiro Maeda.

5 Apresentar o texto retirado de *A República* de Platão, livro VII, do Mito da Caverna e conversar com os alunos sobre as ideias de Platão e o texto de Marilena Chauí sobre a alegoria (Anexos).

6 Reflexão sobre o título do texto da história de Piteco. Notar o formato das letras no título.

6.1 O que seriam as sombras da vida?

6.2 O que o aluno entende por alegoria/mito?

6.3 Pode um mito ocultar uma mensagem?

6.4 Perguntar aos alunos o que sabem a respeito de Platão e mito da caverna e a partir daí mostrar um breve histórico/contextualização da vida de Platão e Sócrates e seu papel na sociedade ateniense. Refletir também sobre o impacto de suas ideias na atualidade.

7 Questionar os alunos sobre como um texto antigo pode ser empregado para refletir sobre questões atuais.

8 Questionar os alunos sobre o que entendem por essencial/acidental e sobre como as ideias de Platão influenciaram o seu modo de interpretar as coisas ao seu redor.

5.2 Durante a leitura

1 Realizar a leitura segmentada da HQ de Piteco, conforme apresentada na seção anterior.

6.3 Após a leitura

1 Formar grupos para comparar os textos I e II com a adaptação feita no quadrinho;

1.1 Sistematizar o que há de diferente e de similar nas versões;

1.2 Observar o estilo e nível de linguagem empregado nas versões;

1.3 Construir hipóteses para a alteração na versão original;

1.4 Compreender como são representados os personagens e como sua construção auxilia no processo de leitura efetiva;

1.5 Síntese/resumo das ideias apresentadas no texto.

1.6 Refletir sobre a harmonia entre a linguagem verbal e não-verbal.

1.7 Observar a ideia de intertextualidade, mais especificamente a paráfrase.

1.8 Formular um quadro de síntese/mapa com as ideias principais levantadas durante a leitura.

2 Produzir uma pequena resenha sobre a ideia essencial da alegoria da caverna. Para tanto, sugerimos o seguinte encaminhamento:

2.1 Existe alguma mensagem oculta na alegoria da caverna?

2.2 Qual a intenção de Platão ao redigi-la?

2.3 Como podemos compreender o mito da caverna em nosso dia a dia?

2.4 Você considera os filósofos como figuras que incomodam aqueles que se acomodam? Você poderia citar exemplos.

3 Exibir os filmes “Os Croods” ou “Vanilla Sky” (escolher um dos dois)

4 Apresentar a música “A televisão”, da banda de rock Titãs, e refletir acerca do papel da televisão e dos meios de comunicação em nosso comportamento e na fabricação do consenso.

- 5 Apresentar as questões: O que é pensamento homogêneo, o que é cultura de massa etc.
- 6 Apresentar comentários das redes sociais, sem identificar os autores, a respeito de seu posicionamento sobre temas polêmicos. Refletir acerca desses comentários e realizar um diálogo com os alunos sobre os limites da liberdade de expressão.
- 7 Propor aos alunos que, em vez de responderem a perguntas feitas pelo professor, que eles mesmos façam suas próprias perguntas sobre os textos que leram, viram e ouviram.

6 Considerações finais

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo rastrear e compreender como operam as estratégias de leitura a partir de uma história em quadrinhos. A partir da leitura segmentada, fomos confirmando o importante papel das habilidades de seleção de ideias, antecipação e predições, construção de inferências e a verificação das hipóteses no processo de leitura. Além disso, mais do que apenas expor as estratégias, fizemos uma retomada de um texto importante e que até hoje gera efeitos em nós, mesmo escrito há mais de dois mil anos.

O educador que pretende fazer do seu aluno um leitor crítico deve ser, antes de tudo, ele mesmo, um leitor experiente e maduro e, para tanto, precisa não apenas ter contato com textos de sua área de atuação, mas estabelecer uma interação com o diversificado campo de conhecimento construído pela humanidade até o momento. Nesse sentido, buscamos uma conexão entre os estudos linguísticos e a filosofia.

Esperamos ter contribuído para o debate de forma positiva, mesmo sabendo das limitações de nosso trabalho. Mantemos a esperança de que o educador possa levar para a escola não apenas o trabalho com a diversidade de gêneros discursivos e as estratégias, mas que procure sempre em sua prática um movimento em direção à interação, ao diálogo, ao entendimento do sujeito como parte do processo de aprendizagem, e não mero receptor de ideias abstratas.

Assim, a proposta elaborada não se encerra como uma receita pronta para ser “aplicada” em sala de aula, mas como sugestão e direcionamento de um trabalho que visa contribuir para a formação do leitor competente, ativo no mundo, capaz de impactar a história e construir as suas grandes aventuras, uma pessoa livre do entorpecimento da consciência, totalmente desperto e pronto para se posicionar no mundo, isto é, um filósofo.

Referências

- ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**. 2. ed. Rev. São Paulo: Moderna, 1993, p. 193-194.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.
- EVANS, J. **Filosofia para a vida: como os filósofos podem ajudar sua vida em questões práticas**. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.
- FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- MARÍAS, J. **História da filosofia**. São Paulo, Martins Fontes, 2004.
- MENEGASSI, R. J. O leitor e o processo de leitura. In: GRECO, E. A.; GUIMARÃES, T. B. (Org.). **Leitura: aspectos teóricos e práticos**. Maringá: EDUEM, 2010, 35-60 (Coleção Formação de professores EAD, n. 1).
- _____. Estratégias de leitura. In: MENEGASSI, R. J. (Org.). **Leitura e ensino**. Maringá – PR: EDUEM, 2005. p. 77-98. (Coleção Formação de professores EAD).
- _____. Perguntas de leitura. In: MENEGASSI, R.J (Org.). **Leitura e ensino**. 2. ed. Maringá: EDUEM, 2010. p. 167-190.
- NIGEL, W. **Uma breve história da filosofia**. Trad. Rogério Bettoni. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- PERINE, Marcelo. O *Filebo* de Platão e as doutrinas não escritas. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 25, n. 49, p. 149-171, jan./jun 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/13340/7630>>. Acesso em: 04 out. 2016.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, M. **As sombras da vida**. Disponível em: <<http://turmadamonica.uol.com.br/assombrasdavid/>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

Anexos

Texto I – Marilena Chauí

O mito da caverna

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semiobscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros - no exterior, portanto - há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda luminosidade possível é a que reina na caverna.

Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los. Que lhe aconteceria nesse retorno?

Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçoadas, tentariam fazê-lo espancando-o e, se mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo. Mas, quem sabe, alguns poderiam ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidissem sair da caverna rumo à realidade.

*Fonte: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.*

O que é a caverna? O mundo em que vivemos. Que são as sombras das estatuetas? As coisas materiais e sensoriais que percebemos. Quem é o prisioneiro que se liberta e sai da caverna? O filósofo. O que é a luz exterior do sol? A luz da verdade. O que é o mundo exterior? O mundo das ideias verdadeiras ou da verdadeira realidade. Qual o instrumento que liberta o filósofo e com o qual ele deseja libertar os outros prisioneiros? A dialética. O que é a visão do mundo real iluminado? A

Filosofia. Por que os prisioneiros zombam, espancam e matam o filósofo (Platão está se referindo à condenação de Sócrates à morte pela assembleia ateniense)? Porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro.

Fonte: CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

Texto II – A alegoria da caverna no original

A Alegoria da caverna / Platão

Sócrates

- (...) *Imagina homens numa morada subterrânea, em forma de caverna, com uma entrada aberta à luz; esses homens estão aí desde a infância, de pernas e pescoço acorrentados, de modo que não podem mexer-se nem ver senão o que está diante deles, pois as correntes os impedem de voltar a cabeça; a luz chega-lhes de uma fogueira acesa numa colina que se ergue por detrás deles; entre o fogo e os prisioneiros passa uma estrada ascendente. Imagina que ao longo dessa estrada está construído um pequeno muro, semelhante às divisórias que os apresentadores armam diante de si e por cima das quais exibem as suas maravilhas.*

Glauco

- *Estou vendo.*

Sócrates

- *Imagina agora, ao longo desse pequeno muro, homens que transportam objetos de toda espécie, que o transportam: estatuetas de homens e animais, de pedra, madeira e toda espécie de matéria; naturalmente, entre esses transportadores, uns falam e outros seguem em silêncio.*

Glauco

- *Um quadro estranho e estranhos prisioneiros.*

Sócrates

- *Assemelham-se a nós. E, para começar, achas que, numa tal condição, eles tenham alguma vez visto, de si mesmos e dos seus companheiros, mais do que as sombras projetadas pelo fogo na parede da caverna que lhes fica defronte?*

Glauco

- *Como, se são obrigados a ficar de cabeça imóvel durante toda a vida?*

Sócrates

- *E como as coisas que desfilam? Não se passa o mesmo?*

Glauco

- *Sem dúvida.*

Sócrates

- *Portanto, se pudessem se comunicar uns com os outros, não achas que tornariam por objetos reais as sombras que veriam?*

Glauco

- *É bem possível.*

Sócrates

- *E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?*

Glauco

- *Sim, por Zeus!*

Sócrates

- *Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.*

Glauco

- *Assim terá de ser.*

Sócrates

E se a parede do fundo da prisão provocasse eco, sempre que um dos transportadores falasse, não julgariam ouvir a sombra que passasse diante deles?

Glauco

- Sim, por Zeus!

Sócrates

- Dessa forma, tais homens não atribuirão realidade senão às sombras dos objetos fabricados.

Glauco

- E assim terá de ser.

Sócrates

- Considera agora o que lhes acontecerá, naturalmente, se forem libertados das suas cadeias e curadas da sua ignorância. Que se liberte um desses prisioneiros, que seja ele obrigado a endireitar-se imediatamente, a voltar o pescoço a caminhar, a erguer os olhos para a luz: ao fazer todos esses movimentos sofrerá, e o deslumbramento impedi-lo-á de distinguir os objetos de que antes via as sombras. Que achas que ponderará se alguém lhe vier dizer que não viu até então senão fantasmas, mas que agora, mais perto da realidade e voltado para objetos mais reais, vê com mais justeza? Se, enfim, mostrando-lhe cada uma das coisas que passam, o obrigar, à força de perguntas, a dizer o que é? Não achas que ficará embaraçado e que as sombras que via outrora lhe parecerão mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco

- Muito mais verdadeiras.

Sócrates

- E se o forcarem a fixar a luz, os seus olhos não ficarão magoados? Não desviará ele a vista para voltar às coisas que pode fitar e não acreditará que estas são realmente mais distintas do que as que se lhe apresentam.

Glauco

- Com toda certeza.

Sócrates

- E se o arrancarem à força da sua caverna, o obrigarem a subir a encosta rude e escarpada e não o largarem antes de o terem arrastado até a luz do Sol, não sofrerá vivamente e não se queixará de tais violências? E, quando tiver chegado à luz, poderá, com os olhos ofuscados pelo seu brilho, distinguir uma só das coisas que ora denominamos verdadeiras?

Glauco

- Não o conseguirá, pelo menos de início.

Sócrates

- Terá, creio eu, necessidade de se habituar a ver os objetos da região superior. Começará por distinguir mais facilmente as sombras; em seguida, as imagens dos homens e dos outros objetos que se refletem nas águas; por último, os próprios objetos. Depois disso, poderá, enfrentando a claridade dos astros e da Lua, contemplar mais facilmente, durante a noite, os corpos celestes e o próprio céu do que, durante o dia, o Sol e a sua luz.

Glauco

- Sem dúvida.

Sócrates

- Por fim, suponho eu, será o Sol, e não as suas imagens refletidas nas águas ou em qualquer outra coisa, mas o próprio Sol, no seu verdadeiro lugar, que poderá ver e contemplar tal como é.

Glauco

- Necessariamente.

Sócrates

- Depois disso, poderá concluir, a respeito do Sol, que é ele que faz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível e que, de certa maneira, é a causa de tudo o que ele via com os seus companheiros de cativeiro, não achas que se alegrará com a mudança e lamentará os que lá ficaram?

Glauco

- Sim, com certeza, Sócrates.

Sócrates

- *E se então distribuíssem honras e louvores, se tivessem recompensas para aquele que se apercebesse, com o olhar mais vivo, da passagem das sombras, que melhor se recordasse das que costumavam chegar em primeiro ou em último lugar, ou virem juntas, e que por isso era o mais hábil em adivinhar a sua aparição, e que provocasse a inveja daqueles que, entre os prisioneiros, são venerados e poderosos? Ou então, como o herói de Homero, não preferirá mil vezes ser um simples criado de charrua, a serviço de um pobre lavrador, e sofrer tudo no mundo, a voltar às antigas ilusões e viver como vivia?*

Glauco

- *Sou da tua opinião. Preferirá sofrer tudo a ter de viver dessa maneira.*

Sócrates

- *Imagina ainda que esse homem volta à caverna e vai sentar-se no seu antigo lugar: não ficará com os olhos cegos pelas trevas ao se afastar bruscamente da luz do Sol?*

Glauco

- *Por certo que sim.*

Sócrates

- *E se tiver de entrar de novo em competição com os prisioneiros que não se libertaram de suas correntes, para julgar essas sombras, estando ainda sua vista confusa e antes que os seus olhos se tenham recomposto, pois habituar-se à escuridão exigirá um tempo bastante longo, não fará que os outros se riam à sua custa e digam que, tendo ido lá acima, voltou com a vista estragada, pelo que não vale a pena tentar subir até lá? E se a alguém tentar libertar e conduzir para o alto, esse alguém não o mataria, se pudesse fazê-lo?*

Glauco

- *Sem nenhuma dúvida.*

In: PLATÃO. **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p. 225-8.

Artigo recebido em: 10.05.2016

Artigo aprovado em: 18.07.2016